

GUATÓ
MANI GOTODŽÓKWĚ MAEGÚHI MANI GÉVŪ
O GUARIBÃO PEGOU UMA MULHER

Kristina Balykova¹
Gustavo Godoy²
Eufrásia Ferreira

RESUMO

Os Guató são um antigo povo canoeiro, habitante das margens dos rios Paraguai e São Lourenço, no Pantanal brasileiro. A sua língua não é mais usada; apenas pouquíssimos idosos a preservam, parcialmente, em sua memória. Eufrásia Ferreira, uma desses últimos falantes, é a narradora da história aqui apresentada, em que uma mulher é capturada por um macaco guariba enorme e, depois, foge do cativeiro. Trata-se da primeira narrativa guató completa registrada na própria língua, analisada e publicada.

Palavras-chave: Guató; língua ameaçada; erosão linguística; narrativa tradicional.

ABSTRACT

The Guató are an ancient canoe people who inhabited the banks of the Paraguay and São Lourenço rivers in the Brazilian Pantanal. The Guató language is no longer spoken and there are only a few elders who partially preserve it in their memories. Eufrásia Ferreira, one of these remaining speakers, is the teller of the story presented here, in which a woman is captured by a huge howler

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFRJ. Master's student in the Graduate Program in Linguistics, Federal University of Rio de Janeiro.

2 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRJ. Doctoral candidate in the Graduate Program in Social Anthropology, Federal University of Rio de Janeiro.

monkey and, sometime later, manages to escape. This is the first complete Guató narrative to be recorded, analyzed and published.

Keywords: Guató; endangered language; language attrition; traditional narrative.

Introdução

A presente narrativa conta de uma mulher guató raptada por um grande macaco guariba e da sua fuga do cativeiro. Foi contada por Eufrásia Ferreira, cujo nome em língua guató é [d̃ʒarigúka]. Eufrásia é uma das últimas lembrantes da língua, que não fala cotidianamente há muitos anos. A narrativa foi gravada em sua casa em Corumbá, no dia 18 de janeiro de 2018. A duração da gravação é de 16 minutos, com uma versão em português seguida de uma versão em guató. Também gravamos outras versões nos dias 20 e 23 do mesmo mês e no dia 1 de agosto de 2018. Cada versão traz algumas informações ausentes em outras. A análise foi realizada pelos pesquisadores que trabalharam com Eufrásia e que são coautores deste artigo. O trabalho de campo realizado em janeiro de 2018 fez parte do projeto “Línguas Indígenas ameaçadas: pesquisa e teorias linguísticas para a revitalização”, financiado pelo CNPq (Edital Universal 2014, Proc. 454950/2014-4) e coordenado por Bruna Franchetto (UFRJ, Museu Nacional).

1. O povo e a língua

1.1. Os Guató e sua situação linguística

As áreas inundáveis do Pantanal já foram habitadas por vários grupos indígenas de diferentes línguas. Um marco da antiga presença indígena na região é um aterro construído há 8.000 anos atrás, na atual cidade de Ladário (MS). A partir de 3 mil anos atrás houve um aumento do número de construções de aterros. Os aterros são plataformas construídas pelos indígenas – incluindo os Guató – que os habitavam nos períodos das cheias.

O povo e a língua guató aparecem nas crônicas ainda no início da invasão europeia, no século XVI³. Foram um dos grupos que os espanhóis encontraram ao sair de Assunção. Ao lado de outros povos hoje extintos, habitavam a região que ficou conhecida como Xaraiés, o atual Pantanal. No

3 Cf. Oliveira (2002) para uma síntese das fontes históricas sobre o povo guató.
Cf. Oliveira (2002) for a summary of the historical resources on the Guató people.

século XVII, foram citados por um padre da missão de *Nuestra Señora de Fee de Tare*. Após este período, o povo guató volta a ser citado pelos mamelucos vindos de São Paulo nas monções. Os Guató foram escravizados e fizeram aliança com os paulistas contra outro grupo canoeiro, os Payaguá. No século XIX, foram visitados por viajantes europeus, que deixaram alguma informação etnográfica em suas crônicas.

No século XX, foram pesquisados pelo etnólogo alemão Max Schmidt, que tratou da língua, organização social e, principalmente, da cultura material. Os Guató foram relatados também pela comissão Rondon e por Frederico Rondon. Posteriormente, foram tidos como extintos. A partir do final da década de 1970, os Guató começaram a se reconstruir enquanto coletivo sócio-político e a reivindicar seus direitos territoriais.

Atualmente, o povo guató ocupa duas Terras Indígenas: a TI Guató (MS), homologada em 2003, e a TI Baía dos Guató (MT), homologada em 2018, onde há ainda conflitos com os fazendeiros do entorno. A população total dos dois territórios é de cerca 400 pessoas. Vários Guató moram fora das Terras Indígenas, nos municípios de Corumbá (MS), Campo Grande (MS), Poconé (MT), Cáceres (MT) e em outros lugares. Além disso, muitos pantaneiros que não se identificam como indígenas têm ascendência guató.

A língua guató não é mais utilizada na comunicação cotidiana. Portanto, a sua localização é onde estão seus últimos falantes. Até hoje, trabalhamos com dois deles: Vicente da Silva e Eufrásia Ferreira da Silva. Vicente, cujo nome guató é [d̃zɔgʷápɔ], vive na barra do rio São Lourenço. Sua casa é uma antiga construção de uma fazenda, onde morou por vários anos com sua finada mãe, Júlia. Nas proximidades, também estavam estabelecidos seus finados tios José e Veridiano. A família de Vicente foi a última que usou o Guató efetivamente. Mesmo assim, Vicente contou-nos que, desde pequeno, aprendeu a falar em português.

Eufrásia, [d̃zariguka], mora atualmente em Corumbá, a pouca distância dos trilhos de trem e das ruas que levam à fronteira com a Bolívia. Seus finados pais eram falantes do guató, e a própria Eufrásia conversou no idioma, provavelmente, até os anos 1980, quando deixou a ilha Ínsua (a atual aldeia Uberaba, na TI Guató) e se mudou para Corumbá.

Além de Vicente e Eufrásia, conhecemos Valeriano Caitano da Silva, apelidado de “Caboclo”, morador da aldeia Uberaba. Ele não conversa em guató, sua primeira língua, desde os primeiros anos

da adolescência. Ficamos sabendo por Heraldo Felipe Vasques Mendes, professor da aldeia Uberaba, que Valeriano ainda se lembra de muitas palavras em guató. Porém, ainda não tivemos a oportunidade de trabalhar com Valeriano, elicitando o que ele lembra, embora já tenhamos conversado com ele algumas vezes.

Visto que esses últimos falantes são idosos (têm mais de 70 anos) e utilizam apenas o português na comunicação cotidiana, o guató é uma língua sem comunidade de fala. A morte da língua guató foi consequência da desestruturação da etnia, que ocorreu em meados do século passado por motivos socioeconômicos e demográficos.

Já no século XIX, quando a criação bovina foi se tornando a principal atividade econômica de Mato Grosso, os territórios tradicionais dos Guató começaram a ser ocupados pelas propriedades pecuárias. Os próprios Guató, assim como membros de outras etnias (Terena, Bororo e Paresi) começaram a servir como mão de obra nas imensas fazendas pantaneiras (CORRÊA FILHO, 1955). Schmidt (1905: 245) notou que era um costume entre os Guató mandarem filhos homens a trabalhar para colonos neobrasileiros, entre os quais os jovens permaneciam durante anos, antes de, eventualmente, voltar para casa.

Rondon (1938), por sua vez, nota que os Guató preferiam ser caçadores livres e vender peles de animais aos brancos a trabalhar em fazendas. Todos os Guató que entrevistamos comentam da época das caçadas para o comércio. Porém, uma lei de 1967 proibiu o exercício da caça profissional, privando os Guató de um dos seus principais meios de subsistência. Foi depois dessa lei, ao longo dos anos 70, que vários Guató deixaram suas moradas, entre elas a ilha Ínsua (a atual aldeia Uberaba), extraviando-se por fazendas ou cidades próximas.

Além disso, desde o século XIX, os Guató têm sofrido decréscimos populacionais causados por doenças, conflitos militares e alcoolismo. Em 1919, a epidemia de gripe espanhola quase os extinguiu (RONDON, 1938: 259), o que deve ter influenciado no aumento do número de casamentos das mulheres guató com os brancos. Os maridos não indígenas proibiam as Guató de ensinar a língua aos filhos e, não raro, de falar em guató com outras pessoas na sua presença. Além disso, muitos homens guató nascidos em meados do século XX e falantes da língua nunca se casaram ou tiveram casamentos malsucedidos, na maioria das vezes, também com não índias. Esse foi o caso de Vicente, de seus irmãos e dos irmãos de Eufrásia, todos falantes de guató.

Palácio (1984: 16) relata que apenas quatro famílias, das que ela conheceu, faziam uso ativo do guató. Dessas quatro famílias, três deixaram de existir por separação ou morte de membros entre 1978 e 1984, e a quarta era a de Vicente: seu tios, sua mãe e seus irmãos. Portanto, a família de Vicente foi o último reduto no qual se preservou o uso cotidiano do guató. Porém, com o passar do tempo, seus tios morreram e seus irmãos foram embora sem dar mais notícia. Por fim, com a morte da mãe, Júlia, em 2012, Vicente se transformou em um eremita, e a língua guató em uma lembrança, cada vez menos presente na sua mente.

Atualmente, os Guató de ambas as Terras Indígenas realizam esforços para retomar sua língua. Desde a abertura da escola na aldeia Uberaba (TI Guató) em 1994, os estudantes têm aulas de “língua étnica”, nas quais aprendem vocabulário básico e algumas frases simples em guató. Um grande trabalho de registro lexical da língua foi feito pela esposa do ex-cacique, Dalva Maria de Souza Ferreira, que cuidou de vários Guató já falecidos e anotou junto a eles mais de 800 palavras e frases. No início de agosto de 2017, realizamos uma pequena oficina em que ensinamos aos professores da aldeia, Zaqueo de Souza Ferreira e Heraldo Felipe Vasques Mendes noções gramaticais básicas necessárias para a formação de frases em Guató.

Em 2016 e 2017, por iniciativa de Francisca Navantino Pinto d’Ângelo, conhecida como Chikinha Paresi, organizamos duas oficinas de revitalização da língua na TI Baía dos Guató. Essas oficinas fizeram parte do projeto “Línguas Indígenas ameaçadas: pesquisa e teorias linguísticas para a revitalização” mencionado anteriormente.

1.2. Características gramaticais

O guató conta com 17 fonemas consonantais /p, b, t, d, tʃ, ḍʒ, k, g, kʷ, gʷ, f, v, h, m, n, ɾ, j /. O quadro vocálico do guató apresenta 8 fonemas /i, u, u, e, o, ε, ɔ, a /, com cinco contrapartidas nasais /ĩ, ã, ã, ã, ã/. Na língua, há contrastes de tom, alto e baixo. As sílabas podem conter uma consoante no ataque e uma vogal, ou apenas uma vogal, ou seja, o padrão silábico é (C)V.

Em sua tese, Palácio (1984: 27) optou por estabelecer o fonema /i/. Transcrevemos este segmento como [u], que se realiza assim tanto na fala de Eufrásia como na de Vicente. Inclusive, Vicente foi enfático na correção da pronúncia desta vogal, quando a pronunciávamos como [i].

Um dos processos fonológicos mais comuns da língua é a epêntese da africada [ḍʒ] entre dois

morfemas, quando o primeiro termina e o segundo começa com vogal (PALÁCIO, 1984: 41), como em *go-to-ákwé* ‘guaribão’ (linha 1).

Na fala de Eufrásia, há a variação fonética [ja]~[za] no conectivo que possui valores aditivo e contrastivo (compare as linhas 13 e 22). Além disso, o encontro vocálico [oi] se realiza na fala de Eufrásia como [e], por exemplo, em *go-te-hubunũ* ‘lança grande’ (linha 29), em que há o encontro entre *to-* ‘aumentativo’ e *ihubunũ* ‘lança’.

O guató é uma língua predominantemente concatenativa, com poucos morfemas isolantes. Segundo Palácio (1984: 100), o guató apresenta a ordem de constituintes básica VSO. Porém, Eufrásia utiliza quase sempre a ordem SVO para as orações transitivas e VS para as intransitivas. De todo modo, o guató exhibe características típicas das línguas de núcleo inicial, tais como o uso de preposições, a posição inicial das palavras QU e a ocorrência das orações subordinadas após as principais.

As relações gramaticais são marcadas nos núcleos. Os verbos transitivos recebem marcas de concordância com a pessoa e o número do sujeito e/ou do objeto direto. Há distinção gramatical entre verbos transitivos e intransitivos. Na 3ª pessoa singular, o sujeito dos verbos transitivos é marcado no verbo pelo prefixo *ε-/e-*, como em *ma-e-gúhi* (IPFV-3SG-pegar) ‘ele pegou (a mulher)’ (linha 3). Já o sujeito dos intransitivos recebe a marca zero, como em *m-ikuj* (IPFV-correr) ‘ele correu’ (linha 4).

As relações de posse são expressas por prefixos no nome referente ao possuído. A ordem entre o nome referente ao possuído e o nome referente ao possuidor pode variar. Os prefixos de posse acrescentados às raízes verbais funcionam como nominalizadores, por exemplo, *ε:-ro* (3SG-comer) ‘a comida dela’ (linha 17). Quando não marcados pelos prefixos de posse, todos os nomes levam, normalmente, o prefixo *g(o)-*. Esse prefixo também funciona como nominalizador das raízes verbais. Nos casos da predicação nominal com a função semântica de classificar entidades dentro de uma categoria (do tipo *X é Y*), o prefixo usado no nome predicativo é *m(a)-* (linhas 13 e 14).

Mani é o pronome demonstrativo que marca a proximidade entre o falante e o referente. Porém, na fala de Eufrásia, ele aparece de forma estereotipada, acompanhando praticamente todos os nomes. Além disso, *mani* pode ocorrer antes de advérbios, como em *mani dekóhé* (DEM depois) (linha 5), e de verbos, como em *mani m-ikuj* (DEM IPFV-correr) (linha 22). Isso nos leva a pensar que a função do *mani*, na fala de Eufrásia, seja a de marcar os sintagmas de modo geral, sejam eles nominais, adverbiais ou verbais. Por vezes, o *mani* é reduzido a [man] ~[ma].

1.3. Filiação genética

A língua guató é isolada. Entretanto, já foi definida como pertencente ao tronco Macro-Jê em um pequeno artigo de Rodrigues (1970: 4035), sem os dados da comparação. Nesta época ainda não existia uma descrição da língua. Após a tese de Palácio (1984), Rodrigues (1986: 50-1, 55) publicou algumas hipóteses a mais. Posteriormente, Rodrigues (1999: 198-201), em seu capítulo de síntese sobre Macro-Jê, menciona as características gramaticais do guató e apresenta 9 cognatos possíveis para o guató (de uma lista total de 39 palavras), nenhum deles com paradigma completo em todas as línguas comparadas. Ribeiro & Voort (2010: 546-8) argumentaram que por falta de cognatos, a língua guató não deveria ser considerada macro-jê. Mais recentemente, Martins (2011) defendeu que a hipótese de Rodrigues não pode ser nem descartada nem confirmada, dada a distância que separaria o guató das outras línguas do tronco Macro-Jê.

1.4. Transcrição

Visto que a língua guató não dispõe de uma ortografia unificada, transcrevemos os dados na sua forma fonética ampla, utilizando o Alfabeto Fonético Internacional. O tom alto é marcado com ´, enquanto o tom baixo não é marcado. Em algumas frases, colocamos uma imagem que mostra a gesticulação de Eufrásia. O movimento das mãos é indicado por setas. Abaixo da transcrição, uma sequência de tils (~) indica a preparação das mãos para realizar o golpe gestual, a parte expressiva do gesto. Já essa parte expressiva é indicada por asteriscos (*).

Quase todas as glosas de categorias gramaticais que utilizamos na nossa transcrição correspondem às glosas estabelecidas por Palácio (1984). No entanto, o valor exato de vários morfemas gramaticais (sobretudo, verbais) ainda está sob investigação. As nossas únicas inovações para os morfemas já descritos pela autora são as glosas NM ‘nominal’ para o prefixo *g(o)-* e PRED ‘predicativo’ para o prefixo nominal *m(a)-*, ambos chamados por Palácio (1984: 48-50) de ‘determinativos’.

2. Sobre a narrativa

2.1. A narradora



[ǎ́zarigúka], cujo nome em português é Eufrásia Ferreira, nasceu no aterro do Bananal, no Carcarazinho, em data indeterminada. Este aterro pertencia a seu avô paterno, que o passou para seu pai. Após alguns anos, a família abandonou o aterro e começou a descer o rio Paraguai. Eufrásia se casou no início dos anos 60 e morou na ilha Ínsua, às margens da baía Uberaba, onde, naquela época, ainda existia uma comunidade de falantes do guató. Apesar de seu ex-marido David ser filho de uma falante de guató, ele não conversava na língua e não permitia que a esposa conversasse. Assim, o filho deste casal, Damião, não aprendeu o idioma.

Desde que deixou a ilha Ínsua e se mudou para Corumbá, no início dos anos 80, Eufrásia não usa o guató no cotidiano. Apesar de ter mantido contato com outros falantes que moraram em Corumbá – como suas finadas primas Francolina e Josefina e seu finado irmão Cipriano – o idioma já não era mais usado ou era falado apenas esporadicamente. Em Corumbá, Eufrásia trabalhou algum tempo de empregada e babá na casa de uma professora, depois na limpeza de um restaurante turístico. Nessa época, ela se separou de David e se amigou com Geraldo, um não indígena. Os dois moraram na fazenda por alguns anos, onde Eufrásia trabalhou sem remuneração como cozinheira. Posteriormente, o casal morou por mais de uma década em Coxim. Portanto, desde que se amigou até seu retorno para Corumbá, Eufrásia ficou longe do contato com outros Guató.

Eufrásia afirma que não se lembra de muita coisa do guató e, como pode ser notado na narrativa, muitas vezes sua memória tem lapsos. Apesar disto, já conseguimos fazer muitas sessões de elicitación e, em certos dias, ela relembrava palavras que em outros tinha esquecido. Por isto, a presente narrativa não é fluente, sendo as versões em português, o idioma que soterrou a primeira língua de Eufrásia, mais fluídas.

Gravamos, em vídeo e áudio, quatro versões da narrativa em guató: nos dias 18, 20 e 23 de janeiro e no dia 1 de agosto de 2018. Elas deixam evidente como o desempenho de Eufrásia na sua primeira língua não é sempre igual. As versões diferem pela duração, pelo número de interferências em português e pela riqueza lexical em guató. Além disso, cada versão contém alguns elementos do enredo ausentes em outras versões.

Assim, na primeira versão, a do dia 18/01, descobrimos que a mulher teve um filho com o macacão só quando ela decide abandoná-lo para se salvar. Já nas outras versões, a narradora deixa explícito que o macacão engravidou a mulher e que o filho era “metade gente, metade bicho”. Para preservar todos os detalhes do enredo e, junto com eles, divulgar mais itens lexicais e construções gramaticais do guató, uma língua tão pouco documentada, optamos por completar a versão-base (a do dia 18/01) com alguns trechos curtos de outras versões. Esses trechos são os seguintes: as linhas (11) e (12) são da versão do dia 20/01, as linhas (13) e (14) são da versão do dia 23/01, e as linhas (23) a (27) são da versão do dia 01/08.

2.2. Sobre o tema da narrativa

Na casa de Eufrásia, ouvimos muitas histórias dela e de seu esposo. Eufrásia contou de sua vida, contou sobre o João-curutu (*Bubovirginianus*), sobre a origem do macaco, a origem da brabeza do peixe dourado (*Salminus brasiliensis*), assim como fez reflexões sobre o destino e a função da alma, dos mortos e dos fantasmas. Entretanto, a única narrativa que Eufrásia reconheceu como sendo guató foi a do Macacão, ainda que a história sobre a origem da brabeza do dourado fosse contada também por sua mãe, Sabina.

A narrativa analisada no presente artigo é um caso, não é mito – não conta da origem, da aquisição, nem do estabelecimento da ordem das coisas no mundo. É um relato sobre um rapto de uma mulher e sua fuga. O caso tampouco traz informações sobre a vida guató. Entretanto, traz um elemento da navegação pantaneira antiga. A palavra /g-ápadá/ (linha 29), é a palavra guató para

‘tábua’, assim como para ‘prancha’, ou seja, uma grande jangada com cobertura para os passageiros, que era controlada por zingas para descer o rio.

Pela primeira vez, o caso do “gulira” (=gorila) que rouba a mulher de um homem foi nos relatado pelo esposo de Eufrásia, Geraldo, em julho de 2017. Não desconfiamos que fosse uma história guató, pois sua trama parecia com *King Kong*. No entanto, em uma das nossas visitas em janeiro de 2018, Geraldo pediu à sua esposa que nos contasse o caso para gravarmos, o que ela fez em português. Foi então que descobrimos que Eufrásia soube da história através de sua mãe, Sabina que, por sua vez, a ouviu dos Guató mais velhos. Naturalmente, pedimos que Eufrásia recontasse a história no idioma. Posteriormente, em agosto de 2018, Eufrásia atribuiu a narrativa a sua prima mais velha, Francolina.

2.3. Resumo da narrativa

Um casal encontra um Guaribão (Eufrásia disse que não se lembrava o nome deste ser, mas que ele tinha um nome próprio no idioma). O Guaribão persegue o casal, pega um pedaço de pau para bater no marido. O marido foge, enquanto a mulher é pega pelo Guaribão, que a leva para sua oca de pedra.

O Guaribão faz um filho na mulher. O filho parido é macaco da cintura para baixo e gente da cintura para cima. O Guaribão fica dando frutas não maduras para a mulher, como o cupari (ou bacupari, *Garcinia gardneriana*), que é bem azedo quando não está maduro. A mulher passa muita fome. Ela foge para a beira do rio, onde escuta sons de batidas: são as zingas da prancha. A mulher chama. Os que estão na jangada vão de canoa buscá-la. Ela traz seu filho. O pessoal da lancha diz para largar o filho, pois é muito feio, ruim de criar. Ela joga o filho no capinzal.

Logo que a mulher entra na canoa, o Guaribão chega ao capim-de-praia. Ele chama para a mulher voltar. Pega o filho pelas pernas para mostrar a ela, para que fique com pena e volte. Ela não volta. Então, o Guaribão rasga o seu filho no meio puxando uma perna para cada lado e joga-o no capim.

A mulher, que está quase nua, recebe roupas das mulheres da prancha. Ela se veste e vai embora com as pessoas.

2.4. Outras narrativas guató

Ainda conhecemos poucas narrativas contadas pelo povo guató. Schmidt (1905: 300) relata a dificuldade de registrar histórias tradicionais guató: “eu tentei de vários jeitos conseguir que me ditassem narrativas, fiz as maiores promessas, mas sempre me respondiam sucintamente “não tem mais”⁴. Essa recusa era ligada ao desgosto de falar a língua na presença de um branco, manifestado pelos Guató daquela época. Schmidt anotou apenas o tema de uma narrativa sobre a origem dos aterros, cujo conhecimento da fabricação foi atribuído pelos Guató a um grupo indígena chamado Matschubehe.

Jorge Oliveira (com. pess.) menciona uma narrativa de origem do Pantanal, em que um coelho (ou preá) era o dono de uma nascente de água. Palácio (1984) publicou dois trechos inacabados de narrativas e, em suas gravações, há uma narrativa em português – que mal dá para ouvir no arquivo que conseguimos – sobre um menino órfão, que descobre que seus pais foram mortos pelo tuiuí. A escassez das informações sobre narrativas tradicionais dos Guató faz do caso contado por Eufrásia Ferreira um registro ainda mais precioso.

4 No texto original, “Auf die verschiedenste Weise versuchte ich mir Erzählungendiktierenzulassen, unter den grössten Versprechungen, aberimmerwiederwurdemirkurzgeantwortet “não tem mais” (“es gibtsolche Erzählungennichtmehr”).” In the original text, “Auf die verschiedenste Weise versuchte ich mir Erzählungendiktierenzulassen, unter den grössten Versprechungen, aberimmerwiederwurdemirkurzgeantwortet “não tem mais” (“es gibtsolche Erzählungennichtmehr”).”

GUATÓ
MANI GOTOD̃ZÓKWĒ MAEGÚHI MANI GÉVÚ
THE BIG HOWLER MONKEY CAUGHT A WOMAN

Introduction

The narrative presented here tells of a Guató woman captured by a huge monkey and her subsequent escape. The story was narrated by Eufrásia Ferreira, whose name in Guató is [d̃zarigúka]. Eufrásia is one of the last “rememberers” of Guató, a language that she has not spoken regularly for many years. The narrative was recorded at her home in Corumbá, on the 18th of January, 2018. The recording is 16 minutes long, with a version in Portuguese followed by a version in Guató. The story was recorded again on January 20 and 23, and on August 1, 2018. Each version contains some information absent in other versions. The analysis was conducted by the researchers who are coauthors of this article. Fieldwork in January 2018 was carried out as part of the project “Endangered Indigenous Languages: Research and Linguistic Theories for Revitalization” funded by CNPq and coordinated by Bruna Franchetto (Museu Nacional, UFRJ).

1. People and Language

1.1. The Guató and their linguistic situation

The wetlands of the Pantanal⁵ were formerly inhabited by several indigenous groups who spoke different languages. A landmark of the earlier indigenous presence in the region is an embankment built 8,000 years ago and situated in the present-day town of Ladário (in the Brazilian state of Mato Grosso do Sul). The number of embankments, platforms built by the natives for use during flood seasons, began to increase 3,000 years ago.

5 The world’s largest tropical wetland, located primarily in the state of Mato Grosso do Sul, in western Brazil, but extending into the state of Mato Grosso as well as areas of Bolivia and Paraguay.

The Guató people and language appear in early chronicles from the beginning of the European invasion, in the sixteenth century. They were one of the groups the Spaniards met when they were leaving Asunción (Paraguay). Along with other extinct peoples, the Guató inhabited the region known as Xaraiés, the present-day Pantanal. In the seventeenth century, they were mentioned by a priest from the mission of *Nuestra Señora de Fee de Tare*, and after that, by the *mamelucos* coming from São Paulo in expeditions known as *monções*. The Guató were enslaved and allied themselves with the *Paulistas* against another canoe indigenous group, the Payaguá people. In the nineteenth century, European travelers visited the region and noted some ethnographic information about the Guató in their chronicles.

In the beginning of the twentieth century, Max Schmidt studied the Guató, describing their language, social organization and, especially, their material culture. The Rondon commission and Frederico Rondon reported on the Guató and, some years later, they were considered extinct. From the late 1970s, the Guató began to reconstruct themselves as a socio-political entity and to claim their territorial rights.

Nowadays, the Guató people occupy two Indigenous Lands: Guató (in the state of Mato Grosso do Sul), established in 2003, and Baía dos Guató (in the state of Mato Grosso), established in 2018, but still suffering from conflicts with the surrounding farmers. The total Guató population of these two territories is about 400 people. Besides these, several Guató live outside of the Indigenous Lands, in the municipalities of Corumbá, Poconé, Campo Grande, Cáceres, or in other places. Many inhabitants of the Pantanal who do not consider themselves Indians are also Guató descendants.

The Guató language is no longer used in everyday communication. Therefore, its location is wherever its last speakers are. So far, we have worked with two of them: Vicente da Silva and Eufrásia Ferreira da Silva. Vicente, whose name in Guató is [ḍzog^wápɔ], lives near the mouth of the São Lourenço river, on the shoreline of the state of Mato Grosso. His house is an old farm building, where he lived for several years with his late mother, Julia. His late uncles José and Veridiano also lived nearby. Vicente's family was the last one to use the Guató language on a daily basis. Even so, Vicente told us that he has also spoken Portuguese since his childhood.

Eufrásia, [ḍzariguka], lives in Corumbá, close to the railway tracks and the streets that lead to the border with Bolivia. Her late parents were Guató speakers, and Eufrásia herself likely spoke the language until the beginning of the 1980s, when she left the Ínsua Island (the present-day Uberaba village, in the Guató Indigenous Land) and moved to Corumbá.

Besides Vicente and Eufrásia, we have met Valeriano Caitano da Silva, nicknamed “Caboclo”, a resident of the Uberaba village. Guató was his first language, which he stopped speaking in his early adolescence. We learned from Heraldo Felipe Vasques Mendes, a teacher from the Uberaba village, that Valeriano still remembers many words in Guató. However, though we have already had few conversations with this Guató elder, we have not yet had the opportunity to work with him.

Since all these last speakers are elderly (over 70 years old) and use Portuguese in everyday communication, Guató is a language without a speaking community. The death of the Guató language was a consequence of the dissolution of the ethnic group, which occurred in the middle of the last century due to socioeconomic and demographic reasons.

Already in the nineteenth century, during the development of cattle farming in the state of Mato Grosso, the traditional Guató territories began to be occupied by agricultural properties. The Guató themselves, alongside members of other ethnic groups (Terena, Bororo and Pareci), began to serve as a labor force on the vast farms of the Pantanal (CORREA FILHO, 1955). Schmidt (1905: 245) notes that sending male children to work for Brazilian settlers was a custom among the Guató. Young men worked on farms for years before eventually returning home.

On the other hand, Rondon (1938) notes that the Guató preferred to hunt freely and sell animal skins rather than work on farms. All the Guató we have interviewed talked about the time of hunting wild animals for sale. However, professional hunting was prohibited by federal law in 1967, thus depriving the Guató of one of their main means of subsistence. Consequently, during the 1970s, a number of Guató left their homes, including the Ínsua island (the present-day Uberaba village), spreading out over nearby farms and towns.

Additionally, since the nineteenth century, the Guató have suffered population declines due to diseases, military conflicts, and alcoholism. In 1919, they nearly became extinct as a result of the Spanish flu epidemic (RONDON, 1938: 259). This fact led to an increase in the number of Guató women marrying non-indigenous men. These husbands did not let the Guató women speak their language with their children or even with other Guató adults. Moreover, many Guató men born in the mid-twentieth century and who still spoke the language never got married or had unsuccessful marriages, most of the time with non-indigenous women. This was the case with Vicente and his brothers, as well as of all of Eufrásia’s brothers.

Palace (1984: 16) reports that she met only four families who spoke Guató in their daily lives. Three of these families disintegrated between 1978 and 1984 due to separation or deaths, and the fourth was Vicente's family: his uncle, his mother, and his brothers. They were thus the last stronghold within which daily use of Guató was preserved. However, Vicente's uncles eventually died, and his brothers left and stopped sending news. Finally, with the death of his mother, Júlia, in 2012, Vicente became a hermit, and the Guató language turned into a memory in his mind.

Nowadays, the Guató of both Indigenous Lands are struggling to revive their traditional language. Since 1994, when a school was opened in the Uberaba village (Guató Indigenous Land), its students have had "Ethnic Language" classes, in which they learn basic vocabulary and some simple sentences in Guató. The wife of the former chieftain, Dalva Maria de Souza Ferreira, carried out a great deal of language documentation. She took care of several late Guató speakers who were her informants for a collection of more than 800 words, phrases, and simple sentences in the language. In early August 2017, we held a small workshop, where we taught the village teachers, Zaqueo de Souza Ferreira and Heraldo Felipe Vasques Mendes, basic grammatical concepts necessary for the formation of sentences in Guató.

In 2016 and 2017, as part of the initiative of Francisca Navantino, known as Chikinha Paresi, we held two language revitalization workshops in the Baía dos Guató Indigenous Land. These workshops were part of the project "Endangered Indigenous Languages: Research and Linguistic Theories for Revitalization" funded by CNPq and mentioned above.

1.2. Grammatical features of the language

The Guató language has 17 consonant phonemes /p, b, t, d, tʃ, dʒ, k, g, kʷ, gʷ, f, v, h, m, n, r, j/. The vocalic chart includes eight phonemes /i, u, e, o, ε, ɔ, a/, with five nasal counterparts /ĩ, ũ, ã, õ, ã/. The language is tonal, with high and low tones. Syllables may have a single consonant onset or no onset, constituting (C)V as the basic syllable shape.

In her thesis on Guató, Palácio (1984) identifies a high central vowel phoneme /i/ rather than a back one /u/. However, we transcribe it as [u], since this is how the sound is articulated by both Eufrásia and Vicente. Moreover, Vicente emphatically corrected our pronunciation when we pronounced the vowel as [i].

One of the most common phonological processes in the language is epenthesis of the affricate consonant [dʒ] between two morphemes when the first one ends and the second one begins with a vowel (PALÁCIO, 1984: 41), as in *go-to-ḁ́z-ókwé* ‘big howler monkey’ (line 1). In Eufrásia’s speech, there is moreover phonetic variation [ja]~[ʒa] of the coordinating conjunction, which has additive and contrastive values (compare lines 13 and 22). A similar allophonic process occurs in [kaḁ́ziε] ‘get on’ (line 29), registered by Palácio (1984) as /kajε/. Eufrásia additionally pronounces the vowel sequence [oi] as [e], for example, in the word *go-te-hubunũ* ‘big launch’, in which there is a sequence of *to-* ‘augmentative’ and *ihbunũ* ‘launch’.

Guató is a predominantly concatenative language, with few isolated morphemes. According to Palácio (1984: 100), Guató has basic VSO word order. However, Eufrásia almost always uses SVO order for transitive clauses and VS for intransitive ones. In any case, Guató exhibits several features typical of verb initial languages, such as the use of prepositions, WH question words in initial position, and subordinate clauses following main ones.

Grammatical relations are head-marked in Guató. Transitive verbs have markers indexing the person and number of the subject and/or of the direct object. There is a grammatical distinction between transitive and intransitive verbs when the subject is third person singular. For transitive verbs, the subject is marked on the verb by the prefix *ε-/e-*, as in *ma-e-gúhi* (IPFV-3SG-take) ‘he took (the woman)’ (line 3). A third person singular subject of an intransitive verb is marked by a zero morpheme, as in *m-ikuj* (IPFV-run) ‘he ran’ (line 4).

Possessive relations are expressed on the *possessum* by prefixes, and the order of constituents can vary. Possessive prefixes attached to verbal roots function as nominalizers, for example, *ε:-ro* (3SG-eat) ‘her food’ (line 17). When not marked with possessive prefixes, all nouns normally take the prefix *g(o)-*, which also functions as a nominalizer of verbal roots. When there is a nominal predication with the semantic function of classifying entities into categories (as in *X is Y*), the prefix used on the predicative noun is *m(a)-* (lines 13 e 14).

Mani is a demonstrative pronoun that marks proximity between the speaker and the referent. However, in Eufrásia’s speech, it accompanies nearly every noun. Additionally, *mani* can occur before adverbs, as in *mani dekhé* (DEM afterwards) (line 5), and before verbs, as in *mani m-ikuj* (DEM IPFV-run) (line 22). This makes us think that in Eufrásia’s speech, *mani* functions as a marker of any type of phrase. Sometimes, the pronoun *mani* is reduced to [man] ~ [ma].

1.3. Genetic affiliation of the language

The Guató language is an isolate, although Rodrigues (1970: 4035) considered it a member of the Macro-Jê stock, based on very little comparative data. At the time of Rodrigues's article, there was not, strictly speaking, any linguistic work on Guató yet. After Palácio's thesis (1984), Rodrigues (1986: 50-1, 55) published some further hypotheses. Later, in his overview of Macro-Jê, Rodrigues (1999: 198-201) mentioned some grammatical features of Guató and, in a list of 39 possible cognates for Macro-Jê languages, presented nine Guató cognates, none of them having a complete paradigm in all compared languages. Ribeiro & Voort (2010: 546-8) have argued that, due to the lack of cognates, the Guató language should not be considered Macro-Jê. More recently, Martins (2011) argued that Rodrigues's hypothesis could not be rejected nor confirmed, given the distance that would have separated Guató from other Macro-Jê languages.

1.4. Transcription

Since Guató has no unified orthography, we transcribe the data in phonetic form, using the International Phonetic Alphabet. High tone is marked with ´ and low tone is unmarked. For some sentences, we include an image showing Eufrása's gesticulation, with movements of her hands indicated by arrows. Below the transcription, a tilde sequence (~) indicates the hands getting ready to perform a stroke, the expressive part of a gesture; this expressive part is then indicated by asterisks (*).

Nearly all glosses for grammatical categories correspond to the glosses established by Palácio (1984). However, the exact value of several grammatical morphemes (especially, verbal ones) is still under investigation. Our only innovations for the morphemes already described by Palácio are the glosses NM 'nominal' (nominal) for the prefix *go-* and 'PRED' 'predicativo' (predicative) for the nominal prefix *ma-*, which Palácio (1984: 48-50) calls 'determinativos' (determinatives).

2. About the narrative

2.1. About the storyteller

[ḁ́zarigúka], whose name in Portuguese is Eufrása Ferreira, was born on the Bananal embankment of the Carcarazinho river. The exact date of her birth is unknown. The embankment belonged to her paternal grandfather, who passed it on to her father. After some years, the family

abandoned the embankment and began to go down the Paraguay river. Eufrásia got married in the early 1960s and moved to the Ínsua island, on a bank of the Uberaba bay. In those times, there was still a community of Guató speakers there. Even though her husband, David, was the son of a Guató speaker, he did not speak the language nor allow Eufrásia to speak it. For this reason, their son, Damião, never learned the language.

After Eufrásia left the Ínsua island and moved to Corumbá, in the early 1980s, she stopped using the Guató language in her daily life. Even though she kept in touch with other Guató speakers who lived in Corumbá, such as her late cousins Francolina and Josefina and her late brother Cipriano, they had stopped using the language or spoke it only sporadically. In Corumbá, Eufrásia worked as a housekeeper and babysitter in a teacher's house and, afterwards, as a janitor in a tourist restaurant. At that time, she and David split up and she began a relationship with Geraldo, a non-Indian. Eufrásia and Geraldo lived on a farm for some years, where Eufrásia worked without wages as a cook. Later, the couple lived for more than ten years in the town of Coxim. Thus, in the many years since Eufrásia's marriage to Geraldo, she has remained isolated from other Guató speakers.

Eufrásia says that she remembers just a few things in Guató and, as we note in the narrative, she often suffers memory lapses. Nevertheless, we have already managed to conduct several elicitation sessions with her, and there are days when she remembers words and constructions that she failed to remember previously. Due to language attrition, the present narrative in Guató is not fluent, whereas its versions in Portuguese, the language that has buried Eufrásia's mother tongue, are.

We recorded four versions of the narrative in Guató: on January 18th, 20th and 23rd and on August 1, 2018. They demonstrate that Eufrásia's performance in her mother tongue is not always the same. The versions differ in length, in the number of Portuguese interferences, and in lexical richness. Moreover, each version contains some elements of the storyline that are absent in other versions. For example, in the first version, (Jan. 18), we discover that the woman and the monkey had a baby together only when the woman decides to abandon it to save herself. However, in other versions, Eufrásia makes it explicit that the monkey impregnated the woman and that their son was "half human, half beast". To maintain all details of the plot and, alongside these, to include as many lexical items and grammatical constructions of Guató as possible, we decided to add some short excerpts from other versions to the main, Jan. 18, version. These excerpts are as follows: lines (11-12) are from Jan. 20, lines (13-14) are from Jan. 23, and lines (23-27) are from Aug. 1.

2.2. About the theme of the narrative

During our visits to Eufrásia's house, we heard many of her stories as well as stories told by her husband. Eufrásia told us about her life, about the South American great horned owl (*Bubo virginianus*), about the origin of monkeys, and about the golden dorado fish (*Salminus brasiliensis*). She also shared with us reflections on the destiny and the function of the soul, the dead, and ghosts. However, the only narrative recognized by Eufrásia as being Guató is the one about the Big Monkey, even though the story about the origin of the golden dourado's rage was also told by her mother, Sabina.

The present narrative is an account of an incident. It is not a myth; it tells us neither about the origin, nor about the acquisition, nor about the establishment of the order of the things in the world. It is an account of the abduction of a woman and her escape. It also does not give us information about the life of the Guató people. Nevertheless, it tells about an old element used for navigation in the Pantanal. The word /g-ápadá/ (line 29) is the Guató word for 'wood board' as well as for *prancha*, that is, a 'big raft with a shelter for passengers', which was controlled by long wood poles during downstream travel.

It was Eufrásia's husband, Geraldo, who first told us the story of the "gulira" (gorilla) who steals a woman from a man, in July 2017. It did not occur to us that the narrative could have a Guató origin, because its plot sounded like a *King Kong* story. However, during one of our visits in January 2018, Geraldo asked his wife to tell the Big Monkey story for us to record it and she did it in Portuguese. It was then that we discovered that Eufrásia heard the narrative from her mother, Sabina, who, in turn, heard it from the elder Guató. Naturally, we asked Eufrásia to tell the story again, but this time in Guató. Later, in August 2018, Eufrásia credited the narrative to her elder cousin, Francolina.

2.3. A summary of the narrative

A couple meets the Big Monkey (Eufrásia says that she does not remember his name in Guató, even though he has one). The Big Monkey chases the couple and picks up a wooden stick to beat the man. The man runs away, and the woman is captured by the Monkey, who takes her to his stone hut.

The Big Monkey produces a child with the woman. The baby is a monkey from the waist down and a human from the waist up. The Big Monkey gives unripe fruits to the woman, such as *cupari*

(*Garcinia gardneriana*), which is rather bitter when unripe, so the woman goes hungry a lot. She runs away to the riverbank, where she hears poles beating on the water. The woman calls to the raft, and some passengers from the raft get on a boat to pick her and her son up. Those who are on the raft tell her to leave her son behind because he is too ugly, and it would be too difficult to raise him. She throws her son into the grass.

As soon as the woman gets on the raft, the Big Monkey comes to the riverbank. He calls to the woman to come back. He takes the son by his feet to show to the woman, provoke her pity and get her to come back, but she does not go back. So, the Big Monkey tears his son into two parts, pulling him by his legs, and throws him into the grass.

The woman, who is almost naked, gets some clothes from other women on the raft. She puts the clothes on and goes away with the raft.

2.4. Other Guató narratives

We still know few narratives of the Guató people. The old sources, as usual, do not offer anything. Schmidt (1905: 300) reports the difficulty he faced in registering Guató traditional stories: “I have tried in the most different ways to make them dictate narratives to me, I have made the greatest promises, but they always answered me shortly ‘não tem mais’ (‘there are no such stories anymore’)”. This refusal had to do with the general unwillingness of those Guató to speak their language in the presence of a non-Indian. Schmidt registered just a theme of a narrative about the origin of the embankments. The Guató ascribed knowledge of their construction to an indigenous group called *Matschubehe*.

Jorge Oliveira (p.c.) has registered a story about an ancient people who constructed embankments and a narrative about the origin of the Pantanal, in which a rabbit (or a Brazilian guinea pig) was the owner of a spring. Palácio (1984) published two unfinished narrative excerpts. In her recordings, there is also a narrative in Portuguese – hardly audible in the file we have access to – about an orphan boy whose parents were killed by the *jabiru* stork. The scarcity of information about Guató traditional narratives makes the story reported by Eufrásia an even more precious record.

3. MANI GO-TO-DḐ-ÓKWÉ MA-E-GÚHI MANI G-ÉVÚ

‘Guaribão pegou uma mulher’

‘The big howler monkey caught a woman’

- (1) *mani go-to-dḐ-ókḡé ma-e-gúhi mani g-évú*
 DEM NM-AUM-E-guariba IPFV-3SG-pegar DEM NM-mulher

‘O guaribão pegou uma mulher.’

‘The big howler monkey caught a woman.’

- (2) *na-ε-taj n-ε-ragógahe mani go-dé i:-dḑεḡ mani g-évú*
 ??? DEM NM-homem 3SG-marido DEM NM-mulher

‘?? o homem, o marido dela, da mulher.’

‘This man, the husband of this woman.’

(3)



mă-ε-tújñ
 IPFV-3SG-HES

mani
 DEM

g-évú
 NM-mulher

ma-e-gúhi
 IPFV-3SG-pegar

g-évú
 NM-mulher

~~~~~A1\*\*\*\*\*~~~~~



*mă-ε-dóje*  
 IPFV-3SG-segurar

~~~A2\*\*\*\*\*

‘(O macacão)... a mulher, pegou-a e segurou-a.’

‘(The big monkey) ... the woman, took her and held her.’

- (4) *mani go-dé m-ikuj m-ikuj go-ḍáhó m-ikuj go-ḍáhó*
DEM NM-homem IPFV-correr IPFV-correr NM-mato IPFV-correr NM-mato

‘O homem correu, correu para o mato, correu para o mato.’

‘The man ran, ran into the bush, ran into the bush.’

- (5) *mani dekohé ma-dedukiadza*
DEM depois IPFV-voltar

‘Depois, voltou.’

‘Then, he came back.’

- (6) *i-edĩnóhi mani adz-évuú*
OBR-encontrar DEM 3SG-mulher

‘Para encontrar a mulher.’

‘To find the woman.’

(7)



<é... *cumu équ’i é?*⁶>

‘É como é que é?’

‘How do I say it?’

6 Antes, durante e depois desta frase ‘meta-linguística’ de busca lexical, Eufrásia desfaz o contato visual, virando a cabeça para a esquerda. Ao iniciar a próxima sentença, voltando ao conteúdo da narrativa (8), o olhar para frente é retomado.

Before, during and after this ‘metalinguistic’ phrase used for word searches, Eufrásia breaks visual contact, turning her head to the left. At the beginning of the next sentence, going back to the narrative storyline (8), she returns to a forward gaze.

(8)



*t^hede*⁷ *t^hede-kezá-ti* *mañĩ* *go-ḍzáhó*
 HES já-vir-FUT lá NM-mato
 ~~~~~              ~~~~~\*\*\*\*

‘Já... Já estava indo para o mato.’  
 ‘He was already going into the bush.’

(9) *mă-e-dójé*              *mani*      *g-éviú*  
 IPFV-3SG-segurar      DEM      NM-mulher  
 ‘(O macacão) segurou a mulher.’  
 ‘(The big monkey) held the woman.’

(10) *m̃-ikuj*              *mañĩ*      *go-ḍzáhó*  
 IPFV-correr              lá              NM-mato  
 ‘Ele correu lá para mato.’  
 ‘He ran there, into the bush.’

(11) *má-é-núna*              *mani*      *ε-tóra*  
 IPFV-3SG-fazer      DEM      3SG-filho  
 ‘Fez filho (nela)’  
 ‘He made a child (with her).’

(12) *mani*      *go-tʃʃóvú*      *ma-detóra*  
 DEM      NM-índio      IMPF-parir  
 ‘A índia pariu.’  
 ‘The Indian gave birth.’

7 Ao falar [*t<sup>h</sup>ede*] ‘já’, Eufrásia executa um gesto abortado (A1), que é retomado em uma forma completa quando fala a frase de modo fluído (A2), um gesto de deslocamento, executado com as duas mãos.

When she says [*t<sup>h</sup>ede*] ‘already’, Eufrásia uses an aborted gesture (A1), which is taken up in complete form when she produces the sentence more fluidly (A2); it is a gesture of movement, using both hands.

- (13) *ja mani ε-tóra i-pána m-ák<sup>wo</sup>*  
 CNJ DEM 3SG-filho 3SG-rabo PRED-macaco  
 ‘O filho dela tinha rabo de macaco.’ (Lit.: ‘o rabo do seu filho era (de) macaco’)  
 ‘Her son had a monkey tail.’
- (14) *ja mani i-ódok<sup>whú</sup> ma-féwvú*  
 CNJ DEM 3SG-cabeça PRED-gente  
 ‘E a sua cabeça era (de) gente.’  
 ‘And his head was human.’
- (15) *dekóhé dekóhé ma-e-tujum ma-e-haréwha mani i-d̃zé*  
 depois<sup>8</sup> depois IPFV-3SG-HES IPFV-3SG-caçar DEM 3SG-não.maduro  
 ‘Depois... Depois foi... (o macacão) caçou fruta verde.’  
 ‘Then... then ... (the monkey) looked for unripe fruits.’
- (16) *go-vedá: gũ go-vedá: mani ge*  
 NM-cupari ?? NM-cupari DEM HES  
 ‘De cupari.’  
 ‘Cupari fruits.’
- (17) *g<sup>wa</sup>-dozekiaā̃za mahĩw̃ ma-ε-dóka mani g-évíú ε:ro*  
 PROG-trazer lá IPFV-3SG-dar DEM NM-mulher 3SG-comer  
 ‘Trouxe de lá a fruta e deu para a mulher comer.’  
 ‘He brought the fruits from there and gave them to the woman to eat.’
- (18) *mani g-évíú na-t̃fogakí-gaj*  
 DEM NM-mulher IND-ter.fome-PNCT  
 ‘A mulher teve fome.’  
 ‘The woman was hungry.’
- (19) *má-e-ro: mani go-vedá: i-d̃zé*  
 IPFV-3SG-comer DEM NM-cupari 3SG-não.maduro  
 ‘Cameu cupari verde.’  
 ‘She ate unripe cupari.’

8 Ainda de cabeça baixa, em (15), Eufrásia inicia a frase de forma hesitante no elemento conectivo ‘depois’, com uma pausa e com um verbo abortado, trocado finalmente por ‘caçar’ [*haréwha*], quando retoma o contato de olhar com o interlocutor.

With her head down, in (15), Eufrásia begins the sentence hesitantly at the connective ‘later’, with a pause and aborted verb, finally changing it to ‘hunt’ [*haréwha*], when she makes eye contact again with the audience.

- (20) *man i-t̃fóga mani ga g-aki e-gú*  
 DEM NEG-morto DEM HES NM-fome 3SG-matar  
 ‘Quase morreu de fome.’  
 ‘She nearly starved to death.’
- (21) (Eufrásia abaixa a mandíbula, numa preparação para falar, mas aborta)  
 (Eufrásia opens her mouth, preparing for speech, but aborts)
- (22) *mani dekohé maet dekohé maē má-e-kara za mani m-íkuj*  
 DEM depois HES depois HES IPFV-3SG-abandonar CNJ DEM IPFV-correr  
 ‘Depois lar... la... largou(-o) e correu.’  
 ‘Then she lef... le... left (him) and ran.’
- (23) *má-kád̃zihi mahĩ-guru g-ihubunũ*  
 IPFV-embarcar lá-INT NM-lancha  
 ‘Lá ela embarcou em uma lancha.’  
 ‘There she got on a raft.’
- (24) *má-rát̃fied̃za*  
 IPFV-ir.embora  
 ‘Foi embora.’  
 ‘She went away.’
- (25) *má-be-ruga mani go-gari má-be-ruga*  
 IPFV-3PL-falar DEM NM-não.índio IPFV-3PL-falar  
 ‘Os brancos falaram, eles falaram.’  
 ‘The white people said, they said.’
- (26) *o-kára mani g<sup>w</sup>a-tóra kái-ók<sup>w</sup>ede kái-ók<sup>w</sup>ede*  
 IMP-abandonar DEM 2-filho ENF-feio ENF-feio  
 “‘Largue seu filho, é feio demais, feio demais!’”  
 “‘Leave your son behind, he is too ugly, too ugly!’”
- (27) *o-kára mani g<sup>w</sup>a-tóra o-gá-ti g<sup>w</sup>a-tóra*  
 IMP-abandonar DEM 2-filho IMP-jogar-FUT 2-filho  
 “‘Largue seu filho, jogue seu filho fora!’”  
 “‘Leave your son behind, throw your son away!’”

- (28) *má-e-kara*                      *mani*    *ε-tóra*  
IPFV-3SG-abandonar    DEM    3SG-filho  
'Ela abandonou o filho.'  
'She abandoned her son.'
- (29) *ma-kadžie*            *mani*    *go-te-hubunũ*    *mani*    *ga*    *g-ápadá*  
IPFV-embarcar    DEM    NM-AUM-lancha    DEM    HES    NM-prancha  
'Embarcou na lanchona, na pran..prancha.'  
'She got on the big raft, on the ra... raft.'
- (30) *ma-ě-kara*                      *mani*    *g-ák<sup>w</sup>o*                      *go-to-ḍz-ák<sup>w</sup>o*  
IPFV-3SG-abandonar    DEM    NM-macaco    NM-AUM-E-macaco  
'Deixou o macaco, o macacão.'  
'She abandoned the monkey, the big monkey.'
- (31) *ma-e-gūhi*            *mani*    *ε-tóra*            *ma-díéjá*            *mani*    *ε-tóra*  
IPFV-3SG-pegar    DEM    3SG-filho    IPFV-encontrar    DEM    3SG-filho  
'Ele pegou o filho, encontrou o filho.'  
'He took his son, he found his son.'

(32)



%*abaixamento da mandíbula*  
preparação de fala abortada  
preparation of aborted speech



%*olhar para cima*  
busca lexical<sup>9</sup>  
lexical search

9 Depois de algumas sentenças, Eufrásia pausa. É perceptível que ela começa a conceber o início da próxima unidade de ideia, que Eufrásia se esforça para contrairaduzir para o Guató. Ela abaixa sua mandíbula, mas não vocaliza nada. Na fala apresenta uma vocalização abortada, e há um olhar de procura lexical, suas mãos repousam sobre o colo.

After some sentences, Eufrásia pauses. We can tell that she is starting to formulate the beginning of the next idea, that Eufrásia struggles to translate back into Guató. She lowers her jaw but does not vocalize anything. Her speech is an aborted vocalization, accompanied by a word-search gaze, her hands resting in her lap.

(33)



*mani*     *mẵ*     *maege*     %grunhido     <cumu qui é?>  
 DEM     HES     HES     HES<sup>10</sup>

~~~~~  

‘Esse ras... rasg... r... Como que é?’
 ‘This one to... to...t... How do I say it?’

(34)



mẵ-ɛ *mă-g^wájă* *manj* *ék^wɔr* *é-tóra*
 HES IPFV-rasgar DEM HES 3SG-filho

~~~~~  
 \*\*\*\*\*

‘Rasgou o filho.’  
 ‘He tore the son up.’

10 Eufrásia não recupera a palavra para ‘rasgar’ num primeiro momento, o grunhido é o começo da palavra *rasgou* que ela aborta, ao mesmo tempo que gesticula a ação de rasgar. Em seguida, ela busca lembrar a palavra em guató. Quando lembra, repete a frase mais duas vezes em (34) e (35), quando repete também o gesto que precedeu a palavra.

Eufrásia cannot recall the word for ‘tear up/apart’ at first, her grumble is the beginning of the word *rasgou* (‘tear’ in Portuguese), which she aborts, at the same time gesticulating a tearing motion. She then tries to remember the word in Guató. When she remembers, she repeats the sentence twice, in (34) and (35), with the accompanying gesture preceding the word.

(35)



*mǎ-ǎ-k<sup>wh</sup>ája*                      *mani*    *ε-tóra*  
 IPFV-3SG-rasgar                      DEM      3SG-filho

~~~~~\*\*\*\*\*

‘Rasgou o filho.’
 ‘He tore the son up.’

(36)



mǎ-ǎ-gǎ́ *mahĩ* *g-odǎ́hǎ:*
 IPFV-3SG-jogar¹¹ lá NM-mato

‘Jogou no mato.’
 ‘He threw him away, into the bush.’

(37) *mǎ-ǎ-gũ* *ε-tóra*
 IPFV-3SG-matar 3SG-filho

‘Matou o filho.’
 ‘He killed his son.’

11 Esta sentença mostra sua conexão com a anterior pelo fato de Eufrásia não voltar suas mãos para o colo, fazendo consecutivamente, numa mesma excursão dos membros superiores, a gesticulação para ‘rasgar’ (35) e ‘jogar’ (36). Em (43) e (44), a mesma cena fica mais complexa, com uma ação a mais, ‘pegar’. Dessa maneira, a falante pronuncia duas sentenças com três verbos no total (‘pegar’, ‘rasgar’ e ‘jogar’) acompanhadas por um mesmo sintagma gestual com três gestos, que correspondem a cada verbo.

The connection between this sentence and the previous one is shown by the fact that Eufrásia does not lower her hands to her lap, making consecutive movements of her upper body and arms, to show ‘tearing’ (35) and ‘throwing’ (36). In (43) and (44), the same scene becomes more complex, with an additional action of ‘getting’. So, the narrator produces two sentences with three verbs (‘get’, ‘tear’ and ‘throw’) accompanied by a gestural phrase with three parts, corresponding to the three verbal actions.

(38) *man(i) ε-d̃zú:-gá*
 DEM 3SG-ver-PNCT
 ‘Ela viu (o filho).’
 ‘She saw (the son).’

(39) *má-ε-d̃zú mani egeɿ*
 IPFV-3SG-ver DEM HES
 ‘Viu o...’
 ‘She saw the...’

(40) <cumuqui é?>
 ‘É como é que é?’
 ‘How do I say it?’

(41) *ma-ε-júrw mañ:*
 IPFV-3SG-ver DEM
 ‘Viu.’
 ‘She saw.’

(42) *i-dezúkĩg̃zahé*
 NEG-voltar
 ‘Não voltou.’
 ‘She did not return.’

(43)



ma-gúh̃ *mani ε-tora*
 IPFV-pegar DEM 3SG-filho



má-k^waja¹²
 IPFV-rasgar

‘Ele pegou o filho e rasgou.’
 ‘He took the son and tore him up.’

12 Fala sem os marcadores de sujeito de terceira pessoa singular nos verbos transitivos ‘pegar’ e ‘rasgar’.
 This sentence does not have third person singular subject markers on the transitive verbs ‘get’ and ‘tear’.

(44)



ma-e-gá *mahĩ* *godza* *go-dzágghu*
 IPFV-3SG-jogar DEM HES NM-mato

‘Jogou lá no mat...no mato.’

‘He threw him away, into the bush.’

(45) *m-ikuj* *ja* *mahĩ* *go-dzáhó*
 IPFV-correr CNJ lá NM-mato

‘Correu lá para o mato.’

‘He ran there, into the bush.’

(46)



m-ikuj *go-dzáhó*
 IPFV-correr NM-mato¹³

‘Correu para o mato.’

‘(The monkey) ran to the bush.’

(47) *ma-hari* *mahĩ*

IPFV-olhar lá

‘Foi olhar por lá.’

‘(He) looked there.’

(48) *m-otó-dz-ák^{wo}*

PRED-AUM-E-macaco

‘O macacão.’

‘The big monkey.’

13 Gesticulação que delinea a trajetória da corrida do Guaribão para o mato.
 Gesture that indicates the path the monkey takes as he goes into the bush.

4. LISTA DE GLOSAS

| | |
|------|----------------|
| AUM | augmentativo |
| CNJ | conjunção |
| E | epêntese |
| ENF | enfático |
| HES | hesitação |
| INT | intensificador |
| NM | nominal |
| OBR | obrigatório |
| PNCT | pontual |
| PRED | predicativo |

REFERÊNCIAS

CORRÊA FILHO, V. *Fazendas de gado no Pantanal Mato-Grossense*. Documentário da vida rural, n.10. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de informação agrícola, 1955.

MARTINS, A. M. S. *Uma avaliação da hipótese de relações genéticas entre o Guató e o tronco Macro-Jê*. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

OLIVEIRA, J. E. de. *Da pré-história à história indígena: (Re)pensando a arqueologia e os povos canoieiros do pantanal*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

PALÁCIO, A. P. *Guató: A língua dos índios canoieiros do rio Paraguai*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 1984.

RIBEIRO, E.; VOORT, H. Nimuendajú was right: The inclusion of the Jabutí language family in the Macro-Jê stock. *International Journal of American Linguistics*, 76(4), pp. 517–570, 2010.

RODRIGUES, A. D. Línguas ameríndias. In: *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, pp. 4034–4036. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1970.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In: R. M. W. Dixon and A. Y. Aikhenvald (org). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 165-206.

RONDON, F. *Na Rondônia ocidental*. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938.

SCHMIDT, M. *Indianerstudien in Zentral brasilien*. Berlim: Dietrich Reimer, 1905.